

## O dinheiro e as letras, um comércio delicado<sup>1</sup>

Jean-Yves Mollier

Desde a instalação da imprensa por Gutenberg, em meados do século XV, um certo número de profissionais compreendeu que acabava de surgir uma possibilidade nova de ganhar dinheiro e mesmo de enriquecer. Não havia nisso nada de extraordinário, pois foi no meio dos fundidores de metais que Joahann Gensfleisch se tornou o mais célebre moguncino da história, e que sua tecnologia mobilizou capitais importantes que se esperava rapidamente recuperar com lucro. É claro que não se poderia reduzir a nova maneira de fazer circular textos em grande escala à vontade única dos impressores de acumular lucros. Os maiores dentre eles – e em especial Aldo Manuzio, o Veneziano, inventor do tipo itálico – foram também portadores de projetos intelectuais, capazes de trabalhar para projetar autores nos quais depositavam suas expectativas, ao mesmo tempo que esperavam rentabilizar seus investimentos. Três séculos mais tarde, quando a edição se descolou verdadeiramente da livraria tradicional, aquela que nomeamos “do Antigo Regime”, reencontramos as mesmas ambivalências nos projetos de Charles-Joseph Panckoucke, o segundo difusor da *Encyclopédie*, mas seu primeiro editor autêntico.<sup>2</sup> Empresário temível e quando necessário feroz em seus negócios, ele deu um passo decisivo no comércio do livro ao inverter a lógica que sustentava até aquele momento os profissionais, substituindo a lógica preguiçosa da demanda pela lei da oferta. Desde então, obrigados a antecipar as necessidades dos homens – e das mulheres nas sociedades urbanas em que as leitoras se multiplicavam –, a lhes propor livros ao preço mais baixo possível e, portanto, impressos em quantidades cada vez mais elevadas, os editores tiveram que desenvolver um temperamento schumpeteriano *avant la lettre*, tentando

<sup>1</sup> Tradução de Marisa Midori Deaecto, revista por Márcio de Souza Gonçalves e Aníbal Bragança.

<sup>2</sup> DARTON, Robert. *The business of Enlightenment: a publishing history of the Encyclopédie*. Cambridge, MA: Belknap Press and Harvard University Press, 1979; TUCOO-CHALA, Suzanne. *Charles-Joseph Panckoucke et la librairie française de 1736 à 1798*. Pau: Marrimpouey Jeune; Paris: Jean Touzot, 1977.

tirar proveito do aparecimento de produtos novos para se impor diante de seus contemporâneos.

No século XIX, que representou a idade de ouro da edição europeia e mesmo de grande parte do mundo, pois o Brasil, o México e outros países do Novo Mundo conheceram situações semelhantes, surgiu um novo tipo de mediadores. Comportando-se cada vez menos como impressores e livreiros, mas podendo conservar algumas de suas atividades paralelamente à edição propriamente dita, eles se tornaram o centro nevrálgico desse comércio, a “cadeia imantada” que liga o público ao autor, como explicava metaforicamente o jornalista Elias Regnault no capítulo consagrado a “O editor”, inserido no volume coletivo intitulado *Os franceses por eles mesmos*, em 1840.<sup>3</sup> Nesse mesmo momento Balzac fixava no personagem fictício do livreiro Dauriat – um dos tipos sociais que atravessam o romance *Ilusões perdidas* – a imagem do “sultão da livraria”, que iria se impor por longa data no Ocidente. Henry Murger a retomou por sua conta no tempo da boêmia parisiense,<sup>4</sup> Léon Bloy, cinquenta anos mais tarde,<sup>5</sup> e Jean-Paul Sartre lhe conferiria carta de nobreza ao afirmar em sua autobiografia, *As palavras*, ter descoberto a luta de classes no dia em que seu avô, um professor que escrevia manuais escolares, entrou no quarto de sua avó e, com uma pausa teatral, exclamou: “Meu editor me rouba como se estivéssemos em uma floresta!”.<sup>6</sup> Os irmãos Goncourt não cessaram de verter seu ódio na relação com os editores de sua época e de denunciar os irmãos Michel e Calmann Lévy como “os mais ferozes usurários” do tempo,<sup>7</sup> enquanto que Flaubert se contentava em escrever a seu amigo Jules Duplan: “a Livraria Hachette infecta meu nariz com suas coroas de louros e suas locomotivas a vapor”.<sup>8</sup> Nessas reflexões pouco amenas, adivinha-se uma fonte de angústia que perpassa os escritores, conscientes de

<sup>3</sup> BALZAC, Honoré de, et al. *Les français peints par eux-mêmes*. Paris: Léon Curmer, 1838-1842. 8 vol.

<sup>4</sup> MURGER, Henry. *La vie de bohème*. Paris: Michel Lévy frères, 1850.

<sup>5</sup> BLOY, Léon. *Journal*. Paris: Mercure de France, 1963. 4 vol.

<sup>6</sup> SARTRE, Jean-Paul. Les mots. In: \_\_\_\_\_. *Les mots et autres récits biographiques*. Paris: Gallimard, 2010 (Bibliothèque de la Pléiade).

<sup>7</sup> GONCOURT, Edmond et Jules de. *Journal: mémoires de la vie littéraire*. Paris: Robert Laffont, col. Bouquins, 1989, 3 vol.

<sup>8</sup> FLAUBERT, Gustave. Carta a Jules Duplan, 8 de julho de 1862. *Œuvres complètes*. Paris: Club de l'Honnête Homme, 1971-1975, 16 vol., t. 14, p. 116.

assistir a uma inesperada transferência de sacralidade. Enquanto eles mesmos se tinham encarregado de segurar o fogo sagrado na época em que Voltaire e os filósofos eram objeto de um culto até então desconhecido, ou que Lamartine e os poetas românticos se queriam como “o eco sonoro” do século, eles agora tinham a impressão de ser destituídos de seu magistério laico por aqueles que os simbolistas chamariam de “mercadores”, julgados indignos de vender suas produções. Foi contra os novos-ricos ou os “Boucicots do livro”<sup>9</sup> que reagiram os fundadores da *Revue blanche*, do *Mercure de France* e da *Nouvelle Revue Française*, os quais, por seu lado, abriram suas casas editoras, dentre elas a futura livraria Gallimard nos anos 1890-1910.

Logo, foi pensando na ambivalência que marca profundamente a profissão do editor, quer seja na França, onde a linhagem dos Panckoucke, Ladvoat, Charpentier, Hachette, Lévy, Fayard, Flammarion, Grasset, Gallimard e seus consortes, levou, nos dias atuais, ao aparecimento de Hubert Nyssen, ou na Grã-Bretanha, com os McMillan, Murray, Routledge, Bentley e Nelson, ou ainda, na Alemanha, com os Brockhaus e os Reclam, os últimos inventando em 1912 o distribuidor automático de livros nas estações de trem,<sup>10</sup> ou noutras partes, enfim, foi a partir dessas considerações que nasceu em mim a ideia de escrever *O dinheiro e as letras*, esta *História do capitalismo editorial*.<sup>11</sup> Por razões relacionadas à pesquisa, que se encontrava, em seu estágio inicial, voltada para os séculos XIX e XX, eu tomei a decisão, no momento de redigir o livro, entre 1985-1988, de parar nos anos 1920 e de retroceder até a segunda metade do século XVIII, este último marco temporal se impondo por si mesmo, pois jamais cessei de dizer e de escrever que a edição moderna nasceu na Europa entre 1770 e 1830, para então se expandir mundo afora, penetrando progressivamente em todos os continentes, inclusive o asiático, onde ela modificaria radicalmente as maneiras mais que milenares de produzir livros. Ao decidir reter em meu campo de observação apenas as empresas que tinham atravessado crises de crescimento e que haviam sobrevivido aos diversos acidentes da história, eu introduzi um viés, uma deformação, da qual tinha plena consciência, pois a maior parte das

<sup>9</sup> Aristide Boucicaut é o fundador da grande loja de roupas Au Bon Marché, que existe ainda hoje.

<sup>10</sup> BARBIER, Frédéric. *L'empire du livre*. Paris: Cerf, 1995. p. 96.

<sup>11</sup> MOLLIER, Jean-Yves. *O dinheiro e as letras: história do capitalismo editorial (1880-1920)*. São Paulo: Edusp, 2010.

sociedades comerciais, de ontem, como de hoje, apresentam maiores chances de malograr e de desaparecer do que de durar, mas essa decisão expressava o interesse na possibilidade de empreender uma história longa das editoras ainda em situação confortável e sobejamente conhecidas no mercado, o que é a razão de ser do ofício do historiador. Tratava-se, nesse sentido, de mostrar como, ao longo de seu crescimento, essas sociedades permanentemente se nutriam da absorção ou da ingestão, como se queira, das firmas que ficavam em posição periclitante ou vendiam seus fundos. Isso levou a superar o viés precedente e permitiu reintroduzir os vencidos da batalha comercial, aqueles sem os quais nenhuma história científica poderia ser escrita, e fechar o ciclo, evitando deixar no caminho editores ou impressores de gênio, mas sem talento para fazer dinheiro, a exemplo dos Séchard de *Ilusões perdidas*, que fizeram a fortuna de seus compradores.<sup>12</sup>

Recusando qualquer forma de maniqueísmo, toda visão mecânica da relação entre autores e editores, levando em consideração tanto as louvações endereçadas aos últimos por homens de letras importantes, como Ernest Renan e Anatole France a Michel e Calmann Lévy, quanto as numerosas críticas que turvam a história da edição, desejamos nos manter distantes tanto da lenda dourada que surge da famosa *Carta sobre o comércio da livraria*, escrita por Diderot em 1763, mas revista e, sem dúvida, arranjada por seu livreiro, André-François Le Breton, quanto da lenda negra forjada pelos autores sem dinheiro. Era preciso, para se manter nesse caminho espinhoso, sem o risco de cair pesadamente, reunir tanto documentos de arquivos econômicos, comerciais, contábeis e financeiros quanto testemunhos encontrados em correspondências, diários e outros papéis não destinados em princípio à publicação. Era indispensável, vale a pena ressaltar, cruzar as fontes, reter apenas aquelas que eram validadas por provas indiscutíveis e ter acesso à memória judiciária e policial desses tempos, uma vez que os arquivos da polícia, os da justiça e os dos cartórios se revelavam frequentemente os mais confiáveis. Ao repartir o volume em três partes, “Impressores e patrões da imprensa, os herdeiros e os recém-chegados”, em seguida, “Editores e livreiros”, e enfim “A empresa e suas engrenagens, os homens e seus desejos”, tivemos a

<sup>12</sup> Sabemos que em *Illusions perdues* Balzac transpôs para a ficção sua experiência no mundo do livro, que ele havia vivenciado de perto no período em que atuou como impressor, fundidor de tipos, editor e livreiro. MEYER-PETIT, Judith (org.). *Balzac imprimeur et défenseur du livre*. Paris: Paris-Musées/Des Cendres, 1995.

oportunidade de apreender o movimento da sociedade francesa dos anos 1760-1920 e de propor o panorama mais completo possível das evoluções inerentes a esse universo. O dinheiro havia progressivamente invadido as indústrias ligadas ao impresso que se lançaram na época em que a cultura de massa substituiu as culturas tradicionais, mas nem por isso os livros se tornaram parecidos aos objetos produzidos em larga escala pelas empresas melhor administradas, e era isso que interessava sublinhar. A produção em série dos livros podia, com efeito, ser compatível com a busca dos autores mais notáveis no momento em que Michel Lévy lançava sua coleção a 1 franco (4,5 euros), na qual introduzia Flaubert, Nerval e George Sand; ou Louis Hachette, a sua “Bibliothèque rose illustrée”, coleção tão cara às jovens leitoras da condessa de Ségur. Foi sem dúvida o que opôs o capitalismo editorial do longo século XIX, e até o da maior parte do século XX, àquele que o substituiu no início dos anos 1980-1990, mas essa é uma outra história, que me propus a analisar em *Edition, presse et pouvoir en France au XX<sup>e</sup> siècle*,<sup>13</sup> a sequência e o fim de *O dinheiro e as letras*, em que se junta a sua gênese, seu desenvolvimento e, sem dúvida, seu esgotamento, na hora em que o digital vem dar as cartas nessa profissão.

#### IMPRESSORES E PATRÕES DA IMPRENSA, OS HERDEIROS E OS RECÉM-CHEGADOS

Como numerosos livreiros do Antigo Regime eram ainda autênticos impressores, fazendo “rolar” suas prensas, como se dizia na linguagem corporativa bem descrita por Robert Darnton em *O Iluminismo como negócio*,<sup>14</sup> ou em *O grande massacre de gatos*,<sup>15</sup> pareceu-me importante partir da empresa que estava no centro do investimento na maior parte dos volumes da *Encyclopédie*: a livraria aberta em Paris por Charles-Joseph Panckoucke. Não contente desse sucesso até então desconhecido, ele se recusou a imitar seu predecessor, André-François Le Breton, e de se retirar, uma vez fortuna feita, para gozar de suas rendas. Obstinado pelo trabalho, sempre buscando as brechas, sonhando com novos empreendimentos tão logo o anterior era concluído, ele foi o iniciador

<sup>13</sup> MOLLIER, J.Y. *Edition, presse et pouvoir en France au XX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Fayard, 2008.

<sup>14</sup> DARNTON, Robert. *The business of Enlightenment*.

<sup>15</sup> DARNTON, Robert. *The great cat massacre*. New York: Basic Books inc., 1985.

da *Encyclopédie méthodique*, essa ancestral das grandes coleções temáticas do século XX, e nós o encontramos, durante a Revolução Francesa, que havia em parte arruinado seu comércio, como editor do primeiro jornal oficial da França, o *Moniteur Universel*.<sup>16</sup> Fundador de uma dinastia de livreiros-editores entre os quais se pode citar o criador da livraria jurídica, Désiré Dalloz, cujos códigos de cor vermelha são visíveis em todos os tribunais franceses, ele estendeu suas teias em várias direções. Uma de suas descendentes se casou com um herdeiro dos Mame, outra grande linhagem de impressores e editores instalada em Tourraine, que editou tanto grandes volumes saídos da reforma da liturgia católica em 1860 quanto obras do papa João Paulo II no final do século XX. Como se pode observar, desde a venda de tomos censurados pelo *Index librorum prohibitorum*, no século XVIII, até os volumes santificados pela mão do soberano pontífice de Roma, 250 anos mais tarde, não há forçosamente contradição se se admite que nos dois casos a empresa que publicou essas obras em grandes tiragens o fez para ganhar dinheiro, mas também para sustentar projetos com os quais ela era solidária.

Charles Louis Fleury Panckoucke, o filho do anterior, tornou-se ilustre por suas magníficas edições de livros, a exemplo de *Vitórias e conquistas dos franceses de 1792 a 1815*, e consagrou uma grande parte de sua fortuna à constituição de uma extraordinária coleção etnográfica, que ele pretendia deixar para a organização de um museu após a sua morte. Temendo ser enterrado vivo, uma fobia frequente naquele período, ele desejava que lhe fosse construída uma tumba semelhante àquelas dos faraós, que se tornaram moda em sua juventude, quando Champollion se debruçou sobre o mistério dos hieróglifos. Seu filho continuou a tradição familiar, mas foi sobretudo por meio da estratégia dos casamentos femininos que sua empresa atravessou os séculos XIX e XX, sendo a sociedade Dalloz, especializada em edições jurídicas, uma das mais prósperas de Paris neste início do século XXI. Ao lado dessas sociedades, que constituem o objeto dos dois primeiros capítulos do volume, quatro outros são reservados aos impressores Firmin Didot, Plon, Paul Dupont e à Société Anonyme des Librairies Imprimeries Réunis. Observamos aqui a entrada dos grandes bancos comerciais, a Société Générale e o Comptoir National d'Escompte de Paris, o ancestral do BNP-Paribas, por volta dos anos 1880, mas também as ligações

<sup>16</sup> TUCOO-CHALA, Suzanne. *Charles-Jospeh Panckoucke et la librairie française de 1736 à 1798*.

incestuosas do poder com algumas dessas casas impressoras, muito engajadas politicamente. Os Plon, bonapartistas, sustentaram ativamente o golpe de Estado do príncipe Luís Napoleão Bonaparte em dezembro de 1851, assim como Paul Dupont, eleito deputado pela Dordonha e fervoroso apoiador de Napoleão III durante todo o seu reinado. Da mesma maneira que os Mames proibiam seus operários e operárias de falar durante a jornada de trabalho, esses homens dirigiam suas empresas com mão de ferro e não suportavam nem os sindicatos, nem a contestação nos seus feudos. Recém-chegados – portanto diferentes dos herdeiros de Panckoucke ou dos Firmin Didot, que empregavam surdos-mudos educados no campo e enquadrados por religiosas, o que lhes garantia que jamais fariam greve –, esses homens adotaram rapidamente os hábitos dos precedentes e aceitaram a ordem implacável que devia, segundo eles, assegurar a transmissão do capital e dos valores de seu mundo.

Todavia, seria um erro imaginar que somente a lógica financeira guiava esses padrões de direito divino, cujo paternalismo era a única doutrina que conheciam em matéria de relações sociais. Orgulhosos por editar escritores de talento reconhecido, muitos deles formados nas melhores escolas, eles não separavam o dinheiro das letras e acreditavam formar catálogos harmoniosos, incluindo os melhores autores do tempo, enquanto administravam a fortuna herdada ou adquirida em vida com uma atenção permanente. Nesse sentido, a tese bem conhecida de Max Weber sobre a maior inclinação dos protestantes ao universo do capitalismo triunfante<sup>17</sup> encontra algumas resistências, pois os católicos franceses estudados eram frequentemente dotados das mesmas propriedades que os capitalistas renanos de confissão luterana. Ao demonstrar a transformação das sociedades limitadas, mais frequentemente familiares, em sociedades anônimas, transição facilitada na França pela lei votada em 24 de julho de 1867, ilustramos de uma certa maneira o “processo de reificação” posto em evidência por Karl Marx em *O capital*,<sup>18</sup> quando esses homens, incluindo os herdeiros, se apagavam em favor da empresa no momento em que esta adquiria uma dimensão importante. Interditando a seus filhos menos aptos o direito de os suceder, uma parte desses editores e impressores capitalistas considerava sua

<sup>17</sup> WEBER, Max. *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie*. Band I. Tübingen: Mohr, 1947.

<sup>18</sup> Foi no Livro I de *O capital*, no capítulo intitulado “A mercadoria”, que Marx denunciou o fetichismo.

empresa como superior à família, à qual, no entanto, eles deixavam a herança financeira integral de sua fortuna. Orgulhosos de ostentar seu sucesso social ao deixar para a posteridade uma firma conhecida em todo o continente, e mesmo para além da Europa, eles se transformavam em cavalheiros da grande indústria ou em “barões da nova feudalidade”, para falar como o jornalista Elias Regnault, em 1840.<sup>19</sup>

A metáfora indica bem a que combates se lançaram esses novos conquistadores, para quem a produção de livros em larga escala se tornou um imperativo quando os bancos financiadores decidiram apoiar o desafio. Essa é a razão pela qual, em lugar de interromper a pesquisa no início dos anos 1920, nós acrescentamos um complemento que permitisse ao leitor acompanhar o destino dessas empresas até o início do ano 2000. A edição brasileira de *O dinheiro e as letras*, nesse sentido, foi objeto de uma atualização sistemática em 2008, momento em que trabalhamos com a tradutora do volume. Veremos, assim, os grandes bancos se afastarem das editoras francesas nos anos 1970, no momento em que elas necessitavam de pesados investimentos para a compra das máquinas Cameron de funcionamento contínuo ou de outros equipamentos similares. A fuga do capital financeiro levou a reestruturações industriais frequentemente dramáticas e o desemprego imposto a operários e operárias conduziu a lutas sociais particularmente duras em muitas ocasiões. A maior parte dessas sociedades, que haviam resistido bem ao desgaste do tempo, perdeu sua independência: as fábricas Mame passaram às mãos do grupo Media Participations, Plon foi incorporada ao Groupe de La Cité, que se tornou logo em seguida Havas Publications Edition, depois Vivendi Universal Publishing e, enfim, Editis, hoje propriedade do espanhol Grupo Planeta, enquanto que a sociedade Paul Dupont desapareceria pura e simplesmente nessa tormenta que viu a dissolução dos quadros de operários do livro.<sup>20</sup> O capitalismo editorial manifestou nessas circunstâncias uma dureza comparável com aquela que havia sido a sua, quando ele combatia os militantes da Internacional em 1864 ou após a Comuna de Paris, ou ainda quando se mobilizou para destruir os projetos de nacionalização do setor em 1945, depois da Segunda Guerra Mundial.

<sup>19</sup> REGNAULT, Elias. *L'éditeur. Les français peints par eux-mêmes*. Paris: Léon Curmer, 1842-1843. 8 vol., reeditado por Paris: La Découverte, coleção Omnibus, 2004, p. 943-958.

<sup>20</sup> Cf.: MOLLIER, J.Y. (org.). *Où va le livre?* Edition 2007-2008. Paris: La Dispute, 2007.

## EDITORES E LIVREIROS

Evidentemente, é na segunda parte do livro que aparecem os grandes editores franceses do século XIX: Louis Hachette, seus filhos e genros, fundadores de um império bizarramente apelidado de “polvo verde” no início do século XX,<sup>21</sup> Charpentier pai e filho, Flammarion, Fasquelle, Larousse, Garnier, bem conhecido por sua expansão brasileira, Hetzel, Baillière, Dentu, Stock, Brandus e Heugel. Partindo do mesmo critério da capacidade de resistência dessas firmas, privilegiou-se a observação daquelas que continuaram a se desenvolver, ao mesmo tempo que nos esforçamos por assinalar os movimentos de compra e venda que elas efetuaram de um século a outro. Isso permitiu colocar em cena a casa fundada por Pierre Larousse em 1852, mesmo que em 1984 ela tenha sido vendida a uma filial do grupo Havas, a CEP Communication, e que, após a desastrosa aventura americana do grupo Vivendi Universal em 2000-2002, tenha sido retomada pelo grupo Hachette Livre em 2004. Da mesma maneira, as edições de Pierre-Jules Hetzel, que carregavam o nome de seu fundador, editor de Júlio Verne, foram adquiridas em julho de 1914 pela livraria Hachette, mas aparecem no livro porque seu destino ilustra um momento importante das relações entre o comércio do espírito e as atividades financeiras. Incapaz, como Pierre Larousse, de deixar para a posteridade um império comparável ao de Louis Hachette, Pierre-Jules Hetzel foi um dos iniciadores da literatura para crianças no século XIX, da mesma maneira que Pierre Larousse o foi para os dicionários colocados ao alcance “desta classe de leitores que se chama todo mundo”. Nem um nem outro foram sábios administradores, mas consideravam seus projetos intelectuais superiores a qualquer consideração e o segundo chegou mesmo a se recusar a deixar herdeiros, porque seu *Grand Dictionnaire Universel du XIX<sup>e</sup> siècle* era “a carne de sua carne e o osso de seus ossos”. Novo Adão por esse traço de caráter claramente assumido, ele acreditava oferecer aos leitores do século XIX aquilo que Diderot havia feito para o XVIII e nada o pararia em seu projeto prometeico que o mundo inteiro invejaria à França: os 15 enormes tomos de sua grande obra.

<sup>21</sup> O apelido se explica por duas razões: pelos tentáculos – múltiplas filiais da empresa – e pela cor verde das camionetas de tração animal, e depois a motor, que transportavam os livros e os jornais do grupo.

Os sucessos do chamado “polvo verde” – a Hachette – foram comentados em várias línguas do mundo e nós passaremos rapidamente sobre a gênese desse império, ao qual consagramos outra obra, *Louis Hachette, 1800-1864*,<sup>22</sup> além dos primeiros capítulos do título já referido antes, *Edition, presse et pouvoir em France au XX<sup>e</sup> siècle*. Todavia, era indispensável voltar às suas origens, tão improváveis do ponto de vista da história da edição quanto aquelas da sociedade Larousse et Cie. e, nesse sentido, muito representativas das múltiplas vias de acesso à profissão de editor tanto no século XIX como no XX. Filho de uma costureira do liceu Louis-le-Grand, admitido por caridade para fazer seus estudos secundários nesse prestigioso estabelecimento da capital, Louis Hachette ingressou na Escola Normal Superior, tendo sido aprovado em terceiro lugar, vindo a se tornar reputado latinista e helenista. Destinava-se ao ensino superior quando as autoridades decidiram fechar sua escola e interditar o acesso à agregação aos jovens postos na rua. Obrigado a se reconverter e tendo considerado, antes, a carreira de advogado, Hachette, devido a circunstâncias imprevistas, viu-se na direção de uma minúscula livraria escolar do Quartier Latin. Quanto a Pierre Larousse, filho de uma estalajadeira e de um carroceiro-ferreiro de um pequeno povoado do departamento de Yonne, foi aluno da Escola Normal em Versalhes, antes de se tornar diretor da escola primária de sua comuna. Muito mal visto pelas autoridades religiosas que tinham entre suas atribuições a fiscalização das escolas primárias, abandonou a profissão para se dedicar à autoria de manuais pedagógicos, antes de fundar sua empresa, dez anos mais tarde. Evidentemente, nenhum desses dois editores prestigiosos do século XIX havia imaginado, na juventude, se realizar no comércio de livros e tampouco seus familiares esperavam por isso. A força do elemento conjuntural que atua sobre seus destinos nos obriga a jamais perder de vista o caráter contingente das histórias de editores e evita qualquer tipo de análise esquemática em sua reconstrução *a posteriori*.

No caso dos Charpentier, pai e filho, lidamos uma vez mais com uma mudança de estado após a Revolução Francesa, mas o primeiro deles, Gervais Hélène Charpentier, trabalhou de início como livreiro para Ladvocat – o inspirador do personagem Dauriat em *Ilusões perdidas*, de Balzac – antes de se estabelecer por conta própria no final dos anos 1820. Asfixiado, como a maior

<sup>22</sup> MOLLIER, J.Y. *Louis Hachette, 1800-1864: le fondateur d'un empire*. Paris: Fayard, 1999.

parte de seus colegas, pela concorrência dos impressores belgas, que, na ausência de uma legislação internacional protetora do direito de autor, produziam em francês volumes compactos reproduzindo os folhetins publicados nos jornais e os vendiam a um preço muito baixo, ele decidiu enfrentar a situação e contra-atacar. O que foi chamado de “Revolução Charpentier” nada mais foi que uma extraordinária antecipação do livro de bolso do século XX, já que pela quantia de 3,50 francos da época (13,50 euros de hoje) o leitor podia adquirir um livro de pequeno formato (em torno de 18,5cm x 11,5cm), com conteúdo equivalente a dois *in-octavo* que valiam 7,50 francos cada. Lançada em 1838, essa “inovação de produto”, para utilizar a linguagem do economista Joseph Schumpeter, passaria a ser imitada e o preço do livro baixou para 2 francos em 1846, com a publicação por Michel Lévy das *Obras completas* de Alexandre Dumas pai. Caiu para 1 franco (4,50 euros ou 6 dólares) em 1853-1855 quando a Librairie Nouvelle, Louis Hachette, com sua “Bibliothèque des chemins de fer”, e Michel Lévy, com sua orgulhosa “Collection Michel Lévy”, decidiram levar ao limite essa verdadeira revolução comercial, tornada, evidentemente, revolução cultural e social, na medida em que se poderiam ganhar centenas de milhares de novos leitores pela considerável baixa do preço do livro comum.<sup>23</sup> Em pouco mais de quinze anos, entre 1838 e 1855, o preço de um romance havia despencado de 15 francos (cerca de 70 euros) para 1 franco (4,50 euros), as tiragens aumentado de 800 exemplares para 6.600 e o número de leitores crescido de modo exponencial. A história da edição permite, assim, reencontrar a história econômica e social e perceber muito concretamente as rupturas, em termos de práticas culturais, que se produzem em certas ocasiões na vida dos homens.

O filho desse grande editor, Georges Charpentier, foi amigo e mediador de Émile Zola junto ao público, íntimo dos pintores impressionistas e de Renoir – que deixou uma pintura intitulada “Madame Charpentier e seus filhos” (1878) que permite perceber o modo de vida ostentatório do casal –, mas decidiu, após a morte acidental de seu filho, ceder sua empresa a um associado, Eugène Fasquelle, em 1905, e veio a falecer no ostracismo. A venda dos títulos de Zola, dentre eles, *A taberna*, *Naná*, *Germinal* ou, mais tarde, *Lurdes*, *Roma* e *Paris*, permitira a entrada de muito dinheiro na caixa da sociedade, uma vez que as

<sup>23</sup> OLIVERO, Isabelle. *L'invention de la collection*. Paris: IMEC Editions, 1999.

tiragens chegavam próximo dos 100.000 exemplares, mas a vida mundana do proprietário e os maus investimentos em terrenos na costa atlântica consumiram suas finanças. Obrigado a permitir a entrada da sociedade Marpon e Flammarion na sua empresa, ele assistiu em 1890 à separação amigável dos dois chefes daquela casa editorial. Ernest Flammarion prosseguiu com sua empresa com selo próprio e o genro de Charles Marpon, Eugène Fasquelle, tomou, 15 anos mais tarde, a direção da “Bibliothèque Charpentier”. O neto de Eugène, Jean-Claude Fasquelle, viria a dirigir a casa Grasset-Fasquelle, filial da Hachette, nos anos 1980-2000, depois que o sobrinho de Bernard Grasset, Bernard Privat, que o sucedeu em 1945, lhe passou o comando. O laço se mostra nesse caso bem atado e a história mais recente permite compreender porque os grandes conglomerados que dirigem as indústrias culturais em nível mundial podem ter necessidade de recrutar altos quadros cujo nome e capital simbólico evocam um passado capaz de trazer dinheiro àqueles que investiram nesse domínio sensível.

Ao evocar a chegada dos irmãos Garnier a Paris e, em seguida, a partida de Baptiste-Louis para o Rio de Janeiro, eu desejei mostrar um outro caso muito exemplar, aquele dos irmãos Auguste e Hippolyte Garnier que chegariam a ser os dois editores mais ricos da França quando da morte do último em 1911. Possuindo em torno de vinte imóveis no quarteirão da estação de Montparnasse, em Paris, uma carteira de investimentos financeiros bem polpuda e, claro, uma sólida casa editorial especializada no domínio da “livraria espanhola e portuguesa”, Hippolyte Garnier, que a havia herdado de seu irmão mais velho, deixou um montante em torno de 25 milhões de francos-ouro (75 milhões de euros) após sua morte, às vésperas da Primeira Guerra. Um de seus irmãos, que apreciava o comércio de livros obscenos, ou ao menos eróticos, teve de ser afastado da sociedade, e Baptiste-Louis tirou proveito de certas remessas discretas dessas obras ao Novo Mundo, para abastecer seus clientes afortunados com “artigos de Paris”, incluindo um gênero muito especial. Talvez isso tenha estimulado alguns brasileiros a conhecer a cidade dos prazeres e da festa, ao menos a crer no músico Jacques Offenbach, que em *A vida parisiense* imagina um brasileiro chegando em Paris para “se empanturrar”, o que o cantor que encarna o personagem é incumbido de traduzir por um gesto sem nenhuma ambiguidade; mas, falando mais seriamente, tal fato lança sobre o comércio dos livros uma luz pouco habitual, que não deve no entanto surpreender. O livro erótico já ocupava sob

o Antigo Regime altas posições e era incluído naquilo que se chamava de “literatura filosófica”, uma vez que os espíritos fortes não desdenhavam nem da libertinagem imaginada pelo veneziano Casanova, nem do combate contra a superstição que animava um Voltaire ou um Diderot. O século XIX seguiu discretamente essa atividade, que o século XX reivindicaria alto e bom som, com a edição sistemática do marquês de Sade por Jean-Jacques Pauvert.<sup>24</sup> Os processos movidos contra ele e o “caso Lolita”, nomeado a partir do romance de Vladimir Nabokov, foram manchete nos anos 1950, ambos depois da interdição do livro *Sexus*, de Henry Miller (1949); ainda que já bem antes *Aphrodite*, de Pierre Louÿs (1896), *Corydon*, de André Gide (1911-1920) e *Le con d'Irène*, de Louis Aragon (1928), deram o que falar aos cronistas. Aragon morreu em 1982 sem ter ousado reconhecer a paternidade desse último título.<sup>25</sup>

Outros capítulos dessa segunda parte são consagrados ao nascimento da edição política, com a multiplicação de ensaios nos anos 1860, por ocasião, por exemplo, da publicação de *Vida de Jesus*, de Ernest Renan, livro que suscitou um verdadeiro escândalo. Ele e seu editor ganharam muito dinheiro e a memória familiar desconfia que os padres em trajes civis compravam a obra maldita para queimá-la e as mundanas para expô-las em seus salões, o que deve bem conter alguma parcela de verdade, mas não seria suficiente para dar conta do sucesso sem precedentes do livro. A edição teatral e a edição musical, ao lado da edição escolar, nas mãos da Hachette, a jurídica, com Dalloz, a científica e a musical, com Baillièrre e Masson, dão novas pinceladas ao quadro, uma vez que funcionam como testemunhos de uma época que amava ir ao teatro e que não desgostava de recorrer ao texto da peça, *vaudeville* ou melodrama, comédia ou paródia, drama ou tragédia, ou mesmo um libreto de ópera, antes de entrar na sala onde o espetáculo seria encenado. Grandes e poderosos editores construíram sólidas empresas a partir da venda de coleções teatrais e, após Marchant, Delloye, Barba e Tresse, chega-se naturalmente a Victor Stock, sobrinho de Tresse, o sucessor de Barba e, sobretudo, o editor do Palais-Royal, do caso Dreyfus e dos anarquistas, assim como aquele que retomou uma “Biblioteca cosmopolita”,

<sup>24</sup> PAUVERT, Jean-Jacques. *La traversée du livre*. Paris: Viviane Hamy, 2004.

<sup>25</sup> QUIGNARD, Marie-Françoise; SECKEL, Raymond-Josué (orgs.). *L'enfer de la Bibliothèque: Eros au secret*. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2007.

que se tornaria a vitrine dessa casa editorial, ainda hoje especializada na tradução de romances estrangeiros. Quando, no final do século XIX, o gênero romanesco se impôs definitivamente sobre o teatro, os editores se reconverteram e os filhos de Calmann Lévy, por exemplo, venderam em 1896 o periódico intitulado *L'entr'acte* – que havia contribuído para a fama de sua casa editorial durante mais de 50 anos – ao hebdomadário *L'Illustration*, que o transformou em um simples suplemento para o lazer das classes abastadas.

#### A EMPRESA E SUAS ENGRENAGENS, OS HOMENS E SEUS DESEJOS

A última parte do livro é inteiramente consagrada à editora Calmann-Lévy, que tinha sido objeto de um estudo anterior, publicado em 1984 sob o título de *Michel et Calmann Lévy ou la naissance de l'édition moderne*.<sup>26</sup> Sem, de forma alguma, retomar aquilo que já fora colocado ao conhecimento do público quatro anos antes, preferimos prolongar a pesquisa, debruçando-nos sobre a vida da sociedade, sua organização interna, seus diferentes departamentos e os homens que, ao lado de Michel e Calmann Lévy e, a seguir, de Paul, Georges e Gaston Calmann-Lévy, se empenharam em fazer dessa editora literária a primeira firma francesa pela qualidade de seu catálogo. Ultrapassada no século XX pela Gallimard, ela havia editado todas as glórias românticas do XIX, de Balzac a George Sand, só perdendo Zola, naturalista, é verdade, mais do que romântico *stricto sensu*. Admiravelmente organizada, seguindo o modelo quase militar da livraria Hachette, ela se mantinha rigorosamente fechada para que apenas seus gerentes conhecessem suas engrenagens e para que nenhum empregado pudesse informar os autores sobre as tiragens reais de suas obras. George Sand, consciente da vontade de se impedir qualquer transparência nesse campo, tentou convencer seu antigo secretário, Emile Aucante, a se transformar num agente literário que pusesse em cheque os editores, mas sua “Agence générale de la littérature” faliu por falta de capitais e os editores franceses conseguiram escapar desse movimento que, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, modificou radicalmente a paisagem cultural. Ciosos de continuar a ler os textos para manter o controle sobre uma parte do campo literário, os editores franceses continuaram a publicar grandes

<sup>26</sup> MOLLIER, J.Y. *Michel et Calmann Lévy ou la naissance de l'édition moderne (1836-1891)*. Paris: Calmann-Lévy, 1984.

revistas, a exemplo da *Revue de Paris* para a editora Calmann Lévy ou, um pouco mais tarde, a *Nouvelle Revue Française* para a livraria Gallimard, o que justificava sua recusa de trabalhar com os agentes encarregados de fazer o trabalho preliminar de seleção dos textos.

Graças ao recrutamento de leitores profissionais egressos do meio das letras e à estruturação dos comitês de leitura, inspirados pelo exemplo do britânico McMillan, que foi um dos primeiros a adotar essa solução, em torno de 1860,<sup>27</sup> as casas editoriais, que tinham, aliás, engajado verdadeiros *editors*, diretores de coleções ou de áreas, desde 1848-1850, estavam no fim do século em condições de conhecer perfeitamente as sensibilidades dos diversos escritores, os gostos dos leitores e a evolução interna do campo literário. Michel Lévy já havia procedido dessa forma, ao assinar as melhores revistas literárias e políticas de sua época, *Revue des Deux Mondes*, *Revue de Paris*, etc., e seus sucessores o imitaram, confiando a *La Revue de Paris*, que reapareceu em 1894, a tarefa de lançar Pierre Loti ou de apresentar aos franceses Gabriele D'Annunzio, Blasco Ibañez e os inúmeros escritores europeus que tiravam proveito de uma relativa abertura, ao final do século XIX, para sair dos limites de suas fronteiras e se fazer apreciar por outros leitores. Imensamente ricos, os filhos de Calmann Lévy o imitaram ao transformar a maior parte de seus bens em ações de empresas estrangeiras e, por ocasião da morte do último filho, Gaston, em 1948, a editora não representava mais do que 4,43% de sua fortuna, o petróleo venezuelano valendo muito mais do que a participação na sociedade situada na rua Auber, a dois passos da Opéra Garnier. Nessa luz pálida subitamente lançada sobre o inventário após a morte de um grande editor parisiense, que organizava, ainda, após 1945, jantares à moda francesa, com um criado uniformizado por trás de cada conviva, lê-se, de certa maneira, o anúncio do fim de um mundo. Se o dinheiro e as letras tiveram por um longo período um bom casamento, outras realidades pareciam querer substituir as precedentes e fazer triunfar um dos termos em detrimento do outro. Tratava-se, é verdade, apenas de um sinal, e foram necessárias outras mudanças, a vitória do capitalismo financeiro sobre o capitalismo industrial, como explicou, sem rodeios, André Schiffrin, quando fechou atrás de si a porta

<sup>27</sup> Ver, a este respeito, a rica bibliografia apresentada em: ELIOT, Simon; ROSE, Jonathan (orgs.). *A companion to the history of the book*. Malden, MA; Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

da Random House e da Pantheon Books, em Nova Iorque, em 1990,<sup>28</sup> para tentar recuperar o frágil equilíbrio que havia permitido ao dinheiro e às letras viver em conjunto durante quase dois séculos; mas a reviravolta que se operou não fez senão reforçar o poder do dinheiro sobre o mundo das letras.

Ao finalizar o livro com um capítulo sobre os novos editores do início do século XX, em especial Grasset e Gallimard, a intenção foi de mostrar os estragos que a guerra dos editores produziu em um universo até então mais policiado, menos sensível oficialmente aos artifícios do reclame, o que se chama hoje de publicidade, e de insistir sobre o papel dos prêmios literários na degradação dos hábitos dos escritores. A chegada do prêmio Goncourt em 1903 e a do Femina em 1904 venceram as últimas barreiras e a partir daí, para acontecer, “aparecer” sob uma capa mais ou menos prestigiosa, tudo seria válido, o fim justificando os meios. Um poeta belga, Ferdinand Divoire, o explica com humor em sua *Introduction à l'étude de la stratégie littéraire*, publicada em 1912.<sup>29</sup> Esse ensaio, com humor agudo, colocou a nu todos os procedimentos destinados a bater o bumbo do reclame e a instalar “a feira sobre a praça”, para retomar o título de um estudo anterior de Romain Rolland. A revista partidária, intencionalmente de má-fé, o falso prêmio literário atribuído por um verdadeiro júri de escritores ou de jornalistas financiados por uma editora, tudo estava ali, finamente descrito a fim de que ninguém ignorasse os métodos utilizados pelos pretensos amantes das letras. Os dadaístas e os surrealistas, aliás, aí iriam buscar um certo número de receitas destinadas a torná-los o assunto do dia, no momento em que eles pretendiam romper com os hábitos deteriorados. Bernard Grasset foi o primeiro a fazer uso desse arsenal e, ao fazer filmar várias vezes a assinatura de seu contrato com Raymond Radiguet, sulfuroso jovem autor do *Diabo no corpo*, um romance publicado logo após a Primeira Guerra, ele demonstrava sua arte do alarde e sua ciência da publicidade cinematográfica, desde então indispensável aos editores, até que a televisão viesse substituir a sétima arte e acrescentasse suas próprias exigências às anteriores.<sup>30</sup>

<sup>28</sup> SCHIFFRIN, André. *L'édition sans éditeurs*. Paris: La Fabrique, 1999; *The business of books: how international conglomerates took over publishing and changed the way we read*. Londres e Nova York: Verso, 2000.

<sup>29</sup> DIVOIRE, Fernand. *Introduction à l'étude de la stratégie littéraire*. Paris: Mille et une nuits, 2005 [1912].

<sup>30</sup> BOILLAT, Gabriel. *La Librairie Bernard Grasset et les lettres françaises*. Paris: Honoré Champion, 1974-1988. 3 vol.

## PARA CONCLUIR SOBRE A LITERATURA

Seria fácil agir como Cassandra e terminar esta exposição concluindo que o dinheiro definitivamente corrompeu as letras e que, desde 1920, as coisas só fizeram se agravar. Porém, novos editores não cessaram de entrar na arena e chegamos até mesmo a ver, nos anos que se seguiram ao movimento de maio de 1968, uma espécie de “primavera dos editores”, um *revival*, com o objetivo de depurar o meio e de regenerá-lo.<sup>31</sup> A Editions Actes du Sud, simbolicamente instalada em Arles, no sul da França, e não em Paris, se apresenta como a mais bela floração, mas há outras, como a Editions de l’Aube, que obteve o prêmio Nobel de literatura com o livro de Gao Xingjian em 2000, ou Viviane Hamy, editora de Fred Vargas, que não têm grande coisa a invejar à primeira. Até o início do século XXI, aliás, a estrutura ternária da paisagem editorial francesa se apresentava como a garantia de uma certa fluidez do meio, o que impedia seu fechamento. Dois gigantes, o Groupe de la Cité (que se tornou em seguida Havas Publications Edition e logo Vivendi Universal Publishing) e Hachette Livre, compartilhavam a liderança, mas quatro outros grupos médios e familiares, Albin Michel, Flammarion, Gallimard e Le Seuil, ocupavam sólidas posições no domínio das letras e das ciências humanas, enquanto que centenas ou mesmo milhares de outras pequenas ou microestruturas continuavam a editar ao menos um título por ano. Com a ruptura da Vivendi e a divisão de sua filial, VUP, entre Hachette, com 40%, e um fundo de investimento, Wendel Investissement, com 60%, em 2004, tudo mudou. Flammarion foi retomada pela italiana Rizzoli Corriere della Sera, Le Seuil pelo grupo La Martinière, que por sua vez era tributário de um fundo de investimento, e Editis foi revendida em 2008 ao Grupo Planeta, da Espanha.<sup>32</sup> Em um só golpe, um conglomerado, Hachette Livre, sexto editor mundial, domina e esmaga o setor, pois seu montante de negócios (2,2 bilhões de euros) é o triplo do que lhe segue, Editis, e uma dúzia de grupos médios, com negócios entre 2 e 7 milhões de euros, se dividem todos os nichos mais ou menos rentáveis, deixando as migalhas do festim aos cinco ou

<sup>31</sup> BOUVAIST, Jean-Marie. *Du printemps des éditeurs à l’âge de raison: les nouveaux éditeurs en France. 1974-1988*. Paris: La Documentation française, 1989.

<sup>32</sup> MOLLIER, J.Y. *Où va le livre?*

seis mil pequenos editores, especialmente, aos duzentos ou trezentos verdadeiros editores, representados no Sindicato Nacional da Edição (SNE).

A fluidez desapareceu e nada permite pensar que um recém-chegado, por exemplo, Actes du Sud, nascido em 1978, possa se inserir entre os grandes. Os dois últimos grupos familiares, Albin Michel e Gallimard, conservam ainda por um tempo, cada vez mais hipotético, aquela independência que, por muito tempo, caracterizou as editoras. É verdade que os grupos de comunicações que se instalaram em posição de batalha nos anos 1998-2000 se dispersaram em escala internacional. AOL Time Warner revendeu sua filial Warner Books Group para a Hachette Livre, desde então a número 1 na Grã-Bretanha, Austrália e Nova Zelândia e fortemente posicionada no mercado de livros hispânicos. Entretanto, as chances de se ver pequenos editores revolucionando a profissão são duvidosas. São os setores mais rentáveis que atraem os capitais: a educação, a edição digital de revistas científicas vendidas por assinatura a um preço exorbitante, o direito, a medicina, ou, ainda, a tradução do inglês para as outras línguas do planeta. Desse ponto de vista, a classificação mundial dos editores mostra uma forte estabilidade, colocando na dianteira os grupos Pearson (5,3 bilhões de euros de capital ativo), Reed Elsevier (5 bilhões), Thomson Reuters (3,8 bilhões), Wolters Kluwer (3,4 bilhões), Bertelsmann (2,9 bilhões), Hachette Livre (2,2, bilhões), Grupo Planeta (1,8 bilhões), Mc Graw-Hill Education, De Agostini e Holzbrink, que ocupam os dez primeiros lugares.<sup>33</sup> O dinheiro continua onipresente no interior do mundo das letras e os números citados não têm comparação com o volume de negócios no século XIX. Os gestores, os financistas, os analistas formados nas escolas de marketing substituíram os caçadores de talentos, os leitores vorazes de pequenas revistas e, como escreveu André Schifffrin, a edição escapa cada vez mais dos editores. Isso não impede o aparecimento de novos Michel Lévy ou Gaston Gallimard, mas tudo isso torna ainda mais delicada a questão de saber se a edição acabou sua jornada histórica no momento em que, de qualquer maneira, a substituição cada vez mais rápida do códice pela tela do computador, e-reader, I-phone ou I-pad nos leva a repensar radicalmente a natureza da edição, essa criadora de ideias e de textos que fez os belos dias da humanidade há pelo menos três séculos.

<sup>33</sup> A revista profissional dos editores, *Livre-Hebdo*, publica todos os anos a classificação mundial dos editores.